



HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Do pesadelo ao alívio

HAMAS LIBERTA AS REFÊNS NORTE-AMERICANAS JUDITH TAI RAANAN E NATALIE SHOSHANA RAANAN, SOB JUSTIFICATIVA “HUMANITÁRIA”. MÃE E FILHA ESTÃO EM SOLO ISRAELENSE. FAMILIARES DE SEQUESTRADOS RECEBEM A NOTÍCIA COM ESPERANÇA

» RODRIGO CRAVEIRO

Onúncio da libertação foi feito por Abu Obaida, porta-voz das Brigadas Izz ad-Din al-Qassam, braço militar do Hamas. “Em resposta aos esforços do Catar, as Brigadas Qassam libertaram duas cidadãs americanas (mãe e filha) por razões humanitárias e para provar ao povo americano e ao mundo que as alegações feitas por (Joe) Biden e seu governo fascista são falsas e sem sentido”, declarou Obaida, cujo nome verdadeiro nem mesmo os integrantes do Hamas sabem. A primeira foto de Judith Tai Raanan e de sua filha Natalie Shoshana Raanan, 17, em território israelense, foi divulgada no fim da tarde pela chancelaria.

Na imagem, o general Gal Hirsch — negociador do governo de Israel para a libertação dos reféns — segura a mão das duas, entre dois soldados. O governo do Catar mediou o diálogo com o Hamas para a soltura. Judith e Natalie tinham sido capturadas no kibbutz Nahal, a 1,6km da Faixa de Gaza, e levadas para o enclave palestino. Moradoras de Chicago, elas estavam em Israel para o 85º aniversário de mãe de Judith e para os feriados judaicos.

Para Mirjana Spoljaric, presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que participou da operação, a libertação de mãe e filha é uma “lasca de esperança”. “Estamos extremamente aliviados que famílias possam ser reunidas, depois de duas semanas de agonia. Continuamos a defender ações para proteger e aliviar o sofrimento de todos os civis afetados por esse conflito devastador”, declarou. “Como ator neutro, o papel do CICV foi o de transportar as reféns de Gaza para Israel. Continuamos a apelar pela imediata libertação de todos os sequestrados e estamos prontos a ajudá-los e às suas famílias da maneira que pudermos.”

Em comunicado à imprensa, o gabinete do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, informou que Gal Hirsch, as Forças de

Embaixada de Israel/X



Judith e a filha Natalie estavam no sul de Israel para o aniversário de 85 anos da matriarca da família e foram capturadas a 1,6km de Gaza

Defesa de Israel (IDF) e as forças de segurança, receberam as duas reféns na fronteira com a Faixa de Gaza e as levaram a um ponto de encontro, em uma base militar no centro de Israel, onde os familiares as aguardavam. “Israel, as IDF e todo o sistema de segurança continuarão a operar com o melhor das suas capacidades e esforços para localizar todos os desaparecidos e trazer todos os reféns para casa”, diz a nota.

Por meio do WhatsApp, Ali Barakeh, chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas, explicou ao **Correio** que a libertação das duas “prisioneiras” veio “após o conselho de amigos e de aliados, da mediação do Catar, e por motivos humanitários”. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, se disse “muito satisfeito”. “Desde os primeiros momentos deste ataque, temos trabalhado 24 horas por dia para

Eu acho...

Arquivo pessoal

“Eles as soltaram e o mundo se calará. Não podemos nos calar até que libertem todos! O que o mundo está fazendo tem funcionado. Mas, por favor, continuem a nos ajudar. A pressão funciona. Depois de os americanos e os europeus serem soltos, é preciso que Israel a mantenha.”

Arquivo pessoal

“A iniciativa humanitária é um presente para o povo dos EUA, para que saiba que o Hamas não é terrorista, mas um movimento de libertação nacional. Combatemos as forças de ocupação sionistas, em defesa da terra, de nosso povo e de nossas santidades.”

Adva Gutman Tirosh, 38, irmã da refém Tamar Gutman, 27

Ali Barakeh, chefe do Departamento de Relações Nacionais do Hamas

libertar os cidadãos americanos que foram feitos reféns pelo Hamas. Não cessamos os esforços para garantir a libertação daqueles que ainda estão detidos. Agradeço ao governo do Catar e ao

governo de Israel pela parceria”, comentou. O presidente dos EUA conversou com Judith e Natalie por telefone. Natalie também falou com o pai, Uri Raanan, que vive em Bannockburn, no estado

americano de Illinois. As IDF informaram que “a maioria” dos cerca de 200 reféns estão vivos — 30 deles são crianças e jovens; entre 10 e 20, idosos.

A primeira libertação de sequestrados pelo Hamas trouxe alguma esperança aos familiares dos outros reféns. Irmã de Tamar Gutman, israelense de 27 anos capturada em 7 de outubro durante a rave perto do kibbutz Re'im, Adva Gutman Tirosh, 38, considera “incrível” que mãe e filha tenham sido libertadas. “Estou muito feliz por elas e por sua família. É incrível! Acredito que a pressão internacional sobre o Hamas esteja funcionando. Precisamos continuar com essa pressão”, afirmou ao **Correio**, por telefone. Ela descarta que os terroristas tenham libertado Judith e Natalie por motivos humanitários. “O Hamas não soltou bebês nem idosos. Eles libertaram

duas jovens mulheres de cidadania norte-americana”, acrescentou. Tamar sofre de doença de Crohn, condição inflamatória do trato gastrointestinal que exige a aplicação diária de medicamentos, por meio de injeções.

Por sua vez, Moshe Emilio Lavi, morador de Nova York, aguarda o momento de reencontrar o cunhado Omri, depois que a irmã Lishy conseguiu fugir dos terroristas com os dois filhos pequenos, de 5 meses e de 2 anos. Os quatro tinham sido sequestrados no kibbutz de Nakhal Oz. “Esperamos que a libertação seja um bom sinal, que trará nosso Omri para casa”, disse à reportagem.

Guerra

Israel sofreu ataques de foguetes de duas frentes, cometidos pelo Hamas e pelo Hezbollah: a partir da Faixa de Gaza contra o sul e o centro do território; e do sul do Líbano contra a Alta Galileia, ao norte. Os 20 mil moradores da cidade de Kiryat Shmona, junto à fronteira israelo-libanesa, tiveram que ser retirados às pressas. Até o fechamento desta edição, os bombardeios das IDF em Gaza deixaram 4.137 mortos, de acordo com o Ministério da Saúde palestino. No atentado de 7 de outubro, o Hamas matou 1,4 mil pessoas em kibbutzim e em cidades da região.

Na Faixa de Gaza, bairros inteiros foram destruídos pelos bombardeios e seus habitantes sobrevivem em meio a uma escassez de água, alimentos e combustível. A Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou que os 20 caminhões com ajuda humanitária enviados pelo Egito entrarão na Faixa de Gaza “hoje ou depois”. Além deles, 15 caminhões com medicamento, comida e água aguardam próximo à passagem de Rafah, o único ponto de entrada para Gaza que não é controlado por Israel. Mais de 1 milhão de palestinos foram deslocados internamente no enclave, cuja população chega a 2,3 milhões. As Forças de Defesa de Israel agilizam os preparativos para uma ofensiva terrestre.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O jogo de Biden é o unilateralismo

O discurso de Joe Biden, na noite de quinta-feira, assim como as declarações que fez durante a visita a Israel, ajudam a ilustrar a matriz de política externa por trás do veto solitário dos EUA ao projeto de resolução apresentado pelo Brasil ao Conselho de Segurança da ONU. O texto, costurado entre discordâncias e dissonâncias, tinha seu foco na urgência de proteger e assistir a população palestina da Faixa de Gaza. Teve o voto favorável de 12 dos 15 países-membros — entre eles todos os 10 que ocupam cadeiras provisórias, como o Brasil. Rússia e Reino Unido, dois dos membros permanentes, se abstiveram, por razões distintas.

É corrente, entre quem acompanha de perto as negociações em Nova York, que o motivo alegado pela delegação americana — a ausência de menção ao direito de Israel à autodefesa — foi apenas pretexto, como é comum quando uma das cinco potências habilitadas

exerce o poder de veto no CS. A noção que baliza a opção de Washington, no caso, é a mesma que transparece nas falas e nos atos do presidente: com democratas ou republicanos no governo, os EUA se atribuem e buscam desempenhar um papel unilateral nas relações internacionais.

Farol ou polícia?

Quando se dirigiu pela tevê aos norte-americanos — e a quem mais assistisse —, Biden apresentou o país como “farol para o mundo”. Referiu-se aos próprios aliados, não ao sistema multilateral. Compadeceu-se do sofrimento dos civis de ambos os lados do conflito, mas ofereceu de concreto os esforços para aprovar no Congresso um pacote de US\$ 150 bilhões em ajuda militar para Israel e a Ucrânia.

Logo nos primeiros dias desde o ataque do movimento palestino Hamas às

comunidades israelenses vizinhas a Gaza, foram enviados à região dois porta-aviões americanos, com os respectivos grupos de combate. Tratou-se de recado a adversários regionais, como o Irã, para que se abstenham de ampliar o conflito.

O “nosso time”...

De maneira semelhante, ao tempo em que a delegação americana sustentava sozinha o impasse no Conselho de Segurança, o presidente movimentava-se entre Israel e vizinhos árabes para desenvolver uma diplomacia própria. Trouxe para si a conclusão de um acordo entre Israel e Egito para que se abra passagem à entrada de ajuda humanitária no território palestino.

Na prática, Casa Branca, Departamento de Estado e Pentágono planejam e executam suas ações segundo o próprio plano de jogo. E trocam passes com os “atores” — ou

“jogadores” — que identificam como colegas de equipe.

...e o “outro time”

Foi Biden mesmo quem escolheu a linguagem esportiva para endossar a versão de Israel sobre a explosão que deixou perto de 500 mortos em um hospital de Gaza. Citando informações dos serviços americanos de inteligência, sem identificá-los claramente nem apresentar as evidências, o presidente disse acreditar que o responsável pelo ataque seria “o outro time”.

Petit comité

Depois de ter acompanhado em pessoa as conversações em torno de um novo projeto de resolução sobre o conflito no Conselho de Segurança, atualmente sob presidência rotativa do Brasil, o chanceler Mauro Vieira segue de Nova York para o Egito. A convite do presidente Abdul Fatah Al-Sisi, representará o presidente Lula em uma reunião de cúpula algo

reservada, ao lado de emissários de Turquia, Catar e Iraque.

Segundo ato

O veto dos EUA ao texto apresentado pelo Brasil, no início da semana, é visto por aqui como uma espécie de “segundo ato” de uma peça cuja trama tem como fio condutor as posições de cada país no sistema multilateral. Em 2009, no segundo mandato presidencial de Lula, a então secretária de Estado Hillary Clinton movimentou suas pedras no tabuleiro da ONU para derrubar um acordo costurado por Brasil e Turquia para resolver o impasse internacional sobre o programa nuclear do Irã.

Anos mais tarde, em 2015, Barack Obama deu sinal verde para um acordo estabelecido em bases semelhantes ao fechado em Teerã por Lula e pelo colega turco, Recep Tayyip Erdogan. Observadores do assunto, no entanto, apontam que os termos do texto adotado eram mais favoráveis ao regime islâmico. Depois de suceder Obama, em 2017, Donald Trump retirou os EUA do acordo.